

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**ITAMARA PETERS**

**O USO DE DROGAS LÍCITAS E ILÍCITAS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES É  
TAMBÉM UMA QUESTÃO DE EDUCAÇÃO**

**COLOMBO**

**2013**

ITAMARA PETERS

O USO DE DROGAS LÍCITAS E ILÍCITAS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES É  
TAMBÉM UMA QUESTÃO DE EDUCAÇÃO

Trabalho apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Saúde para Professores do Ensino Fundamental e Médio, Núcleo de Educação a Distância, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Nen Nalú Alves das  
Mercês

COLOMBO

2013

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

ITAMARA PETERS

### **O USO DE DROGAS LÍCITAS E ILÍCITAS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES É TAMBÉM UMA QUESTÃO DE EDUCAÇÃO**

Trabalho aprovado como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Saúde para Professores do Ensino Fundamental e Médio, do curso de especialização em Saúde para Professores do Ensino Fundamental e Médio, Núcleo de Educação a Distância, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

---

Profª Drª Nen Nalú Alves das Mercês  
Orientadora - Departamento de Enfermagem da  
Universidade Federal do Paraná

---

Profª Mestre Edivane Pedrolo  
Instituto Federal do Paraná

---

Profª Mestre Josiane Ferla  
Instituto Federal do Paraná

Curitiba, 16 de dezembro de 2013.

## RESUMO

O presente trabalho intitulado O uso de drogas lícitas e ilícitas por crianças e adolescentes é também uma questão de educação, surge da inquietação com o crescente número de usuários de drogas no contexto local. Seguindo o debate nacional e busca por soluções o texto aqui apresentado é resultado de um projeto de intervenção aplicado em uma escola da rede municipal de ensino de Curitiba, com o objetivo de discutir a questão do uso de drogas lícitas e ilícitas no espaço escolar, através da literatura e da expressão artística, o projeto se desenvolveu com alunos da sexto ano do Ensino Fundamental e teve como metodologia de trabalho o viés literário e artístico para discussão de temáticas amplas e complexas. Trabalhando inicialmente as questões individuais, familiares e escolares até chegarmos ao estudo de campanhas publicitárias e a influencia das mesmas no comportamento das pessoas. Muitas discussões foram feitas com os estudantes em cada etapa de aplicação e os resultados apresentados demonstram que a escola é um espaço de discussão das temáticas da vida. Enfatizando que há uma necessidade clara de conexão entre o conteúdo científico e habilidades para a vida em sociedade. O que ficou claro com a aplicação do projeto e com análise dos resultados obtidos, é que ações isoladas ou emergenciais são incapazes de apresentar qualquer efeito sobre a mudança de hábito ou de comportamento dos estudantes. É necessário que as escolas tenham programas permanentes de prevenção e incentivo ao convívio seguro em sociedade.

**Palavras-chave:** Drogas lícitas e ilícitas. Instituições acadêmicas. Adolescente.

## **ABSTRACT**

The present study titled DRUG USE licit and illicit FOR TEENS IS ALSO A MATTER OF EDUCATION arises from concern at the growing number of drug users in the local context. Following the national debate and search for solutions the text presented here is the result of an intervention project implemented in a school of municipal schools in Curitiba, aiming to discuss the issue of the use of licit and illicit drugs at school, through literature and artistic expression, the project was developed with students of the sixth grade of elementary school and had to work methodology the literary and artistic bias for discussion of broad and complex topics. Initially working individual, family and school issues until we get to the study of advertising campaigns and the influence thereof on people's behavior. Many discussions were made with students in each stage of implementation and the results show that the school is a forum for discussion of issues of life. Emphasize that there is a clear necessary for connection, between the scientific content and skills for life in society. What was clear from the implementation of the project and analysis of results, it is isolated or emergency actions are unable to show any effect on the change of habit or behavior of students. It is necessary that schools have permanent prevention programs and encouraging safe life in society.

Keywords: Legal and illegal drugs. Schools. Teenager.

## **LISTA DE SIGLAS**

ABEAD - Associação Brasileira de Estudos do Álcool e Outras Drogas.

CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas.

LSD - Dietilamina do Ácido Lisérgico.

MS – Ministério da Saúde.

OBID - Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas.

OMS – Organização Mundial da Saúde.

SENAC – Serviço Nacional do Comércio.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2. OBJETIVOS.....</b>	<b>13</b>
2.1 OBJETIVO GERAL.....	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
<b>3. REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>14</b>
3.1 COMPREENDENDO O TERMO DROGAS.....	14
3.2 TIPOS DE USUÁRIOS.....	17
3.3 EFEITOS DAS DROGAS.....	17
3.4 A ESCOLA E SEU PAPEL NA PREVENÇÃO.....	18
3.5 RELAÇÕES ESTUDANTIS NO ESPAÇO ESCOLAR E O PAPEL DA ESCOLA .....	21
<b>4. METODOLOGIA.....</b>	<b>25</b>
4.1 TIPOS DE INTERVENÇÃO.....	25
4.2 CARACTERIZAÇÕES DO CAMPO DE INTERVENÇÃO.....	25
4.3 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	26
<b>5. RELATO DE APLICAÇÃO DAS INTERVENÇÕES.....</b>	<b>27</b>
5.1 ATIVIDADE 1 – O DIÁRIO DE UM BANANA.....	28
5.2 ATIVIDADE 2: TO BE OR NOT TO BE.....	30
5.3 ATIVIDADE 3: CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS (DON'T SMOKE).....	36
<b>6. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>39</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa que venho lhes apresentar está centrada numa problemática mundial. O uso de drogas ocorre dos tempos mais remotos até os dias atuais, mas com uma agravante as drogas que até a década de 60 eram tidas como naturais passaram a ser industrializadas precariamente e o seu uso cresce assustadoramente entre todos os tipos de público.

Dos simples chás da antiguidade até as mais absurdas misturas as drogas vão se inserindo no contexto urbano e fazendo suas vítimas. Entre elas crianças e adolescentes que entram neste mundo sem saber muito bem do que se trata e que reações o uso da droga irá trazer ao organismo.

Muitos estudos revelam o efeito catastrófico das drogas no organismo humano, porém nas crianças e adolescentes, cujo corpo ainda está em formação o efeito é ainda mais drástico, pois boa parte de drogas em circulação age diretamente no sistema nervoso central causando muitas alterações e levando rapidamente ao vício.

Associado ao vício surgem uma série de consequências que afetam o usuário e todas as pessoas que o cercam. Já que o uso de drogas sejam elas lícitas ou ilícitas acarreta uma série de violência e danos que não exclusivos a saúde do usuário. Cria-se uma rede de problemas que nem sempre podem ser revertidos.

O aumento do número de indivíduos que recorrem ao uso de drogas cresce a cada e pode ser atribuído a vários fatores, principalmente aos que se referem na forma em que é transmitida a informação sobre a droga e quem a recebe.

A prevenção do uso indevido de drogas é fundamental para a sensibilização sobre os riscos e perigos causados por elas. De acordo com muitos especialistas o uso de substâncias químicas lícitas e ilícitas acarreta uma série de problemáticas sociais e deve ser encarado como uma questão de saúde pública.

O levantamento de 2005 do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) indica as drogas lícitas, segundo levantamento como as mais consumidas e com o maior número de dependentes. Se apenas 0,1% da população havia usado crack nos 12 meses anteriores à pesquisa; 2,6% usaram maconha; 0,7%, cocaína; e 49,8%, álcool. O álcool, portanto, tem um impacto muito



maior sobre a força de trabalho, a Previdência Social e a saúde pública, pelos danos físicos e psicossociais que causa. (CEBRID, 2005)

As drogas lícitas álcool e tabaco também são as primeiras drogas experimentadas pelos jovens, em geral muito precocemente e sem limite de doses. Ocorre que, geralmente, o usuário que se torna dependente do álcool passa a buscar efeitos mais intensos nas drogas ilícitas. Esse dado é confirmado por pesquisas acadêmicas realizadas no Brasil e em outros países. (CFM, 2012).

Dessa forma, “notoriamente, o álcool representa a maior preocupação em relação à drogadição, por uma questão estatística irrefutável”, afirma o vice-presidente do Conselho Federal de Medicina (CFM), Carlos Vital Corrêa Lima (Lima, 2011), que estima que o impacto do álcool e do tabaco, as drogas lícitas, sobre o sistema público de saúde é muito superior aos recursos arrecadados pela tributação desses produtos. Além disso, muitos estudos mostram que uma boa porcentagem dos leitos dos hospitais é ocupada por indivíduos que não estariam ali caso o álcool não estivesse na vida deles. (Lima, Nº 8 – 2011).

Esses dados são confirmados pelo coordenador de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas do Ministério da Saúde (MS), Roberto Kinoshita, ao citar que o impacto maior não é das drogas ilícitas: “O número de pessoas envolvidas e o custo econômico do álcool são infinitamente superiores aos do crack. O álcool é a porta para outras drogas. Enfrentar um sem enfrentar o outro não leva a lugar algum”. (Kinoshita, 2011).

Já Carlos Alberto Salgado, psiquiatra e presidente da Associação Brasileira de Estudos do Álcool e Outras Drogas (ABEAD), acredita que o país é “negligente e condescendente” com as drogas lícitas. Salgado afirma que: “Temos uma atitude ingenuamente licenciosa, graças à pressão da cultura, em que o álcool é tido como relevante, do ponto de vista cultural, para integração social”. (SALGADO, 2012, p.20).

Não só os médicos têm essa opinião sobre essa questão das drogas lícitas e das drogas ilícitas. Como os dirigentes de comunidades terapêuticas, os professores, os pais mais esclarecidos e até mesmo os adolescentes com um maior grau de consciência crítica percebem o problema e pensam sobre os riscos e o envolvimento de seus colegas e amigos no vício.

Neste contexto, o papel da escola é de formar cidadãos participativos e capazes de analisar o que é bom ou não para si, de fazer suas escolhas se o

assunto lhe é questionado e de refletir se com isso afetará ou não a vida de outras pessoas. Por isso tal assunto não foge do cenário escolar. Trabalhar formas de prevenção nas escolas ao se tratar de assunto relacionado às drogas (licitas/ilícitas), de uma maneira que venha a contribuir com informações necessárias a serem passadas as nossas alunos, instituição e sociedade em si; é uma maneira de sensibilizá-los em um ambiente próprio.

A escola é parte da sociedade, por isso a importância de se desenvolver tal assunto neste ambiente, este texto vem como intuito de contribuir e se fazer refletir sobre o que está se fazendo com o assunto “drogas” nas escolas e como podemos auxiliar nossas crianças e adolescentes na sua formação enquanto sujeitos. Mostrando que prevenção é o caminho necessário para se coibir o uso/consumo de drogas. (MEC, 2007).

Na infância os efeitos de qualquer tipo de drogas são avassaladores e causam danos irreversíveis ao desenvolvimento como afirmam Mattos e Silva, 2012, p.31: “... o cérebro da criança e do adolescente é mais vulnerável à ação das drogas, fazendo com que o futuro adulto se torne um dependente químico.”, considerada esta afirmação que ainda se relaciona com fatos sociais e culturais cria-se uma grande complexidade de situações de risco. Que vão futuramente afetar significativamente seu comportamento e sua condição de vida.

Tendo a noção de que a adolescência pode ser compreendida como uma fase de transição de transição entre a infância e a idade adulta e de que o desenvolvimento acontece de modo mais acelerado tanto nos aspectos físicos quanto nos aspectos psicológicos, culturais e sociais. Sendo assim, “a curiosidade, a busca de experiências e as sensações, os desafios e a busca por uma identidade própria bem como a necessidade de pertencer a um grupo...” Levam os adolescentes a uma situação de risco e vulnerabilidade. (BESSA, 2012, p. 124).

Ainda de acordo com BESSA, 2012 há outra questão a ser considerada envolve a vulnerabilidade dos adolescentes, os conflitos familiares típicos da época, a falta de habilidades interpessoais e ainda o perfil frio e insensível dos pais que exigem sem dar o encorajamento necessário apresenta indicações de mais um fator de risco.

Logo, os dados apresentados recentemente por estudos americanos e citados pelo professor Marco Antônio Bessa, evidenciam que:

...características comportamentais e problemas psiquiátricos predis põem os jovens a um alto risco de desenvolverem problemas relacionados ao uso de substâncias. (BESSA, 2012, p. 148).

Em virtude dos problemas de saúde e violência que encontramos na sociedade, relacionados em grande medida ao consumo de drogas, e as dificuldades em debater tal assunto em relação à prevenção e ao consumo, compreendemos que trabalhar com a prevenção não é uma tarefa fácil. Porém é de fundamental importância que aconteça nas instituições escolares.

Principalmente quando recordamos que há poucas décadas as escolas omitia incluir na proposta pedagógica atividades de prevenção com seus alunos ditos “problema”. Elas preferiam simplesmente expulsá-los, como forma de punição – mesmo sendo contra a Lei.

A intenção aqui não é achar culpados, até porque trabalhar o assunto drogas nas escolas não diz respeito somente a ela, mas a toda sociedade e família. Contudo, atualmente percebe-se que pouco mudou e se fez para melhorar em relação a esse assunto e foram tais acontecimentos, que direcionaram nossos olhar para a pesquisa proposta.

Devemos trabalhar o tema de uma forma, que auxilie nossas instituições; pois nossas crianças estão vivendo em uma sociedade, em que as drogas estão presentes e por falta de melhores informações a este público os riscos são diários de se tornarem mais um usuário (a). É necessário termos uma visão inovadora e desenvolver tal tema de forma mais pedagógica e dentro de um ambiente apropriado para nossos alunos.

A intenção deste trabalho é discutir as questões relacionadas ao cotidiano da comunidade, buscando um meio de fortalecer as crianças para que não caiam na mesma situação trágica dos pais.

Na condição de professora de língua estrangeira moderna, do ensino fundamental, na rede pública municipal de ensino de Curitiba, tento discutir junto a meus alunos possibilidades de ação autônoma dos adolescentes diante das condições sociais, ambientais e de saúde na escola e na comunidade.

Surge neste contexto à necessidade de se olhar de frente esta situação e de se propor a solucioná-la, buscando iniciativas da comunidade docente para envolver

essas crianças e adolescentes. E o primeiro passo é banir o discurso do “aqui não tem, ou não existe drogas”, e reconhecer que elas estão em todo lugar.

Então, considerando a necessidade de ações educativas para a prevenção do uso e abuso de drogas lícitas e ilícitas, definiu-se a seguinte questão norteadora de intervenção: ***discutir abertamente, no contexto escolar questões relacionadas ao uso indevido de drogas pode auxiliar para a resistência a influencia do meio sobre o adolescente e gerar a capacidade do não envolvimento?***

O objeto de intervenção é a prevenção junto a adolescentes, bem formadas e informadas, desenvolverem a sua capacidade de decisão para fazerem escolhas que, incluindo ou não o uso de alguma droga, favoreça a sua saúde e segurança ao longo da vida.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. OBJETIVO GERAL**

- Discutir a questão do uso de drogas lícitas e ilícitas no espaço escolar, através da literatura e da expressão artística.

### **2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Problematicar as situações do uso e abuso de drogas lícitas e ilícitas, através da expressão artística e literária;
- Estimular o fortalecimento da autoestima no estudante, através do cenário literário;
- Estimular o estudante para o manejo adequado das emoções próprias em relação a si, a família, aos amigos e aos espaços escolares;
- Analisar as campanhas publicitárias antitabagismo e discutir com os alunos as questões que levam as pessoas a fazerem uso de cigarros ou outras drogas;

### 3. REVISÃO DE LITERATURA

#### 3.1. COMPREENDENDO O TERMO DROGAS

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) drogas são substâncias não produzidas pelo organismo, que tem propriedade de atuar sobre os órgãos e sistemas modificando seu funcionamento. (OMS, 2013.)

Do ponto de vista legal, as drogas estão classificadas em: lícitas, que podem ser comercializados, como o álcool, o tabaco, os medicamentos; e, ilícitas, proibidas por lei, como maconha, cocaína, crack, entre outras. Sua classificação se dá conforme as ações sobre o Sistema Nervoso Central e modificações das atividades mentais ou no comportamento da pessoa que utiliza as drogas. São ainda classificadas em depressoras como o álcool e barbitúricos, em estimulantes como cocaína e anfetaminas e em perturbadoras como a maconha e o ecstasy. (PARANÁ, 2010, p. 91 a 113).

De acordo com Dillon (2013), as drogas são definidas como toda substância, naturais ou não, que modifica as funções normais de um organismo. Também, são chamadas nos meios policiais de entorpecentes ou narcóticos. A maioria das drogas é produzida a partir de plantas (drogas naturais). Outras são produzidas em laboratórios as chamadas drogas sintéticas. A maioria causa dependência química ou psicológica, e podem levar à morte em caso de overdose.

Ainda segundo a OMS (2013), a dependência química é doença progressiva, crônica, incurável, mas passível de tratamento e controle. (OMS, 2013)

De acordo com vários estudos, entre eles o estudo do Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas (OBID, 2011.) há muitos tipos de drogas presentes na sociedade. Mas estes diferentes tipos podem ser classificados como:

a. Drogas Naturais, dentre elas:

- Maconha é uma das drogas mais populares, a maconha é consumida por meio de um enrolado de papel contendo a substância. Feita a partir da planta *Cannabis sativa*;
- Ópio é droga altamente viciante, o Ópio é feito a partir da flor da Papoula. Os principais efeitos são sonolência, vômitos e náuseas, além da perda de

inteligência (como a maioria das drogas). Opiáceos: codeína, heroína, morfina, etc.;

- Psilocibina é uma substância encontrada em fungos e cogumelos e tem como principal efeito as alucinações. Também é utilizada em pesquisas sobre a enxaqueca;
- Dimetiltryptamina (DMT): a principal consequência do seu consumo são perturbações no sistema nervoso central. Utilizada em rituais religiosos;
- Cafeína: é o estimulante mais consumido no mundo - está no café, no refrigerante e no chocolate;
- Cogumelos Alucinógenos: alguns cogumelos, como o Amanita muscaria podem causar alucinações;
- Tabaco (Nicotina Tabacum): popularmente conhecida como cigarro, constituído de uma clássica mistura por muito tempo tida como inofensiva. Foi identificada como tóxica a partir dos anos 60, pode provocar inúmeros fatores.

b. Drogas Sintéticas, dentre elas:

- Anfetaminas: seu principal efeito é o estimulante. É muito utilizada no Brasil por caminhoneiros, com o objetivo de afastar o sono e poder dirigir por longos períodos;
- Barbitúricos é um poderoso sedativo e tranquilizante, causa grande dependência química nos seus usuários;
- Ecstasy é uma droga altamente alucinógena, causa forte ansiedade, náuseas, etc.;
- Dietilamina do Ácido Lisérgico (LSD) é outro poderoso alucinógeno que causa dependência psicológica;
- Metanfetamina era utilizada em terapias em muitos países, mas foi banida pelo uso abusivo e consequências devastadoras da droga.

c. Drogas Semissintéticas, dentre elas:

- Heroína é uma das drogas mais devastadores, altamente viciante; e, causa rápido envelhecimento do usuário e forte depressão quando o efeito acaba;
- Cocaína e Crack: a cocaína é o pó produzido a partir da folha de coca, e o cracké a versão petrificada dessa droga. Altamente viciante, deteriora

rapidamente o organismo do drogado, causando também perda de inteligência, alucinações, ansiedade, etc.;

- Merla é uma droga produzida a partir da pasta de coca;
- Oxi é outra droga derivada da pasta de cocaína.

d. Outras drogas: inalantes (lança perfume); solventes e cola de sapateiro; bebidas alcoólicas (etanol); cigarro, charuto, narguilé, com nicotina, alcatrão, entre outras.

e. Medicamentos: muitas drogas são utilizadas em medicamentos, para o tratamento de diversos problemas de saúde e doenças. Os tranquilizantes são remédios de venda controlada, para controle da tensão, insônia e ansiedade. Os ansiolíticos - utilizados no tratamento contra a ansiedade. (LE MOS e ZALESKI, 2012).

As drogas causam atualmente um grande problema na sociedade. Elas são responsáveis por muitas situações complexas. A dependência traz junto de si uma série de intercorrências que envolvem o usuário, a sua família e a sociedade como um todo.

“A dependência é uma doença crônica no cérebro humano.” Nora Volkow, diretora do Instituto Nacional sobre Abuso de Drogas (NIDA) dos EUA, afirma que o vício em substâncias químicas, afeta uma região do cérebro chamada córtex orbito frontal, responsável pela tomada de decisões. “Essas pessoas perdem o livre arbítrio para dizer ‘não’”. A médica, que estuda nos EUA como a dependência química pode alterar as funções cerebrais, deu uma palestra para cerca de 400 profissionais da saúde na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Segundo Nora, há muitas pessoas que julgam os dependentes como pessoas moralmente fracas, e ignoram que elas perderam o controle de suas ações. (NOGUEIRA, 2013, p.).

Pesquisas recentes apontam que os principais motivos que levam um indivíduo a utilizar drogas são: curiosidade, influência de amigos (mais comum), vontade, desejo de fuga (principalmente de problemas familiares), coragem (para tomar uma atitude que sem o uso de tais substâncias não tomaria), dificuldade em enfrentar e/ou aguentar situações difíceis, hábito, dependência (comum), rituais, busca por sensações de prazer, tornar (-se) calmo, servir de estimulantes, facilidades de acesso e obtenção e etc. (CEBRID, 2013, nº 48.)

De acordo com o uma cartilha explicativa do Serviço Nacional do Comércio (SENAC) do Estado de Minas Gerais, há alguns sinais que indicam a dependência:

Mudanças bruscas de comportamento sem uma explicação aparente; falta de motivação para o trabalho e estudo; irritação e agressividade; isolamento da família, criando um mundo à parte; mudança no grupo de colegas (colegas de aparência estranha e linguagem pobre e cheio de gírias); telefonemas estranhos; Quando você atende, desligam, quando ele atende,



conversam muito e logo em seguida ele sai; troca o dia pela noite; queda no rendimento escolar com problemas de disciplina; descuido com a aparência e higiene (estágio mais avançado); pichações sobre drogas em roupas e cadernos; e, uso de som e TV em volume muito alto; (SENAC, 2010, p.15).

### 3.2 TIPOS DE USUÁRIOS

É comum distinguir o uso indiscriminado de drogas ou dependência do seu consumo experimental, fase de risco de dependência. Esta classificação refere-se à quantidade e periodicidade em que ela é usada.

Os usuários podem ser classificados, segundo o Código Internacional de Doenças (CID 10), em: experimentador; usuário ocasional; habitual e dependente. (OMS, 2013)

Outra classificação proposta pela sociedade internacional de medicina se refere ao uso das drogas em desvio de seu uso habitual, como por exemplo, o uso de cola, gasolina, benzina, éter, dentre outras substâncias químicas, para provocar um estado de euforia ou torpor. (OMS, 2013).

### 3.3. EFEITOS DAS DROGAS

O consumo de drogas pode provocar inúmeros males. Os efeitos das drogas podem ser observados em todo o organismo. Segundo estudos, elas afetam o sistema nervoso central, causando diversas doenças e também afetam negativamente a sociedade. Quando consumidas, as drogas causam dependência, lapsos de memória, falta de sono, falta de apetite e uma série de outras complicações que afetam o sistema respiratório, digestivo e circulatório. Se o indivíduo não conseguir parar de consumir drogas, maiores serão as chances de que ele morra devido a complicações típicas de seu consumo. (DILLON, 2013).

O principal fator social relacionado ao consumo de drogas é a cultura em que a pessoa vive, ou seja, a permissividade do meio em relação a esse tipo de comportamento. Porém, é importante ressaltar que a pessoa não inicia o consumo de drogas pela mesma razão que ela continua. Ela inicia por gostar de novidades,

para pertencer a um grupo, para mostrar rebeldia ou "coragem", mas continua principalmente devido à dependência química.

### 3.4. A ESCOLA E SEU PAPEL NA PREVENÇÃO

A escola é o lugar idôneo para um trabalho educacional de prevenção do uso de drogas, pois quem compõe a escola são pessoas, e estas podem ou não ter idoneidade, por isso à escola tem um papel básico no processo educativo. (ANTÓN, 2000, p.22).

Segundo Ávila (1998, p. 152)

A iniciação do consumo de drogas está em torno dos 12 anos, e que a escola tem certa vulnerabilidade em relação a isso, já que a escola faz uma ligação entre família, sociedade, cultura e profissão; e o tráfico encontra em suas proximidades sua melhor clientela; por se tratar de jovens e crianças desinformadas, cheios de sonhos, ideais, sempre cobrados e afetivamente carentes e instáveis, tornando-se alvos fáceis de certo tipo de conversa amigável e sedutora.

Em nossa realidade não é diferente. É o que a mídia nos mostra e o que se constata nas entrevistas, discussões e palestras, que boa parte dos estudantes da escola já presenciou ou tiveram contato com o uso de drogas lícitas e ilícitas. Mostrando a urgência no tratamento desta questão na escola. A percepção desses dados constatada dentro de salas de aulas por crianças e adolescentes, vem dar ênfase na necessidade de se trabalhar a prevenção às drogas no ambiente educacional.

Murad (2005) argumenta que alguns diretores de escolas e professores têm procurado negar a existência do abuso de drogas em seus estabelecimentos, mas os alunos raramente negam. Enfatizando que a escola, nem sempre enxergar ou quer enxergar o problema para buscar soluções mais concretas.

A visão apontada por Murad (2005) nos remete a ideia de que o adulto mesmo professor, por fazer o uso de algumas drogas lícitas, muitas vezes não a vê mais como tal, mas os alunos, ao contrario, percebem e muitas vezes os analisam; como podemos perceber em nossa pesquisa com relatos de alunos sobre a questão de ver professores fumando durante o intervalo das aulas com outros funcionários da escola.

Além de pensar sobre a questão enquanto papel da escola na educação para a prevenção cabe lembrar que há varias leis que tentam coibir o uso do tabagismo e de qualquer outro tipo de drogas em ambientes escolares.

A Lei Estadual n.º 13.463, de 11 de janeiro de 2002, que no seu Art. 2º trás que: “fica proibida a prática do fumo em escolas públicas e particulares; de educação infantil; ensino fundamental, ensino médio e técnico e estabelecimentos congêneres, inclusive cursos diversos, onde seja preponderante a presença de criança e adolescentes”. (PARANÁ, SEED, 2013).

Murad (1994, p.121). Complementa: “antes de educar nossos filhos, precisamos educar nossos mestres” Isso não quer dizer que o professor deva ser perfeito como ser humano, mas que seja exemplo para os alunos em seu local de trabalho. Se policiando com seus vícios, pois ali, naquele ambiente, são exemplos de muitas crianças e adolescente; que sonham talvez, serem como eles (professores).

Ainda nesta questão Santos (1997, p.80). Discute que: “nossa experiência comprova que a prevenção moderna ao uso indevido de drogas segue a trilogia: amor, bom senso e informação.” E que a maior dificuldade de prevenção resiste na filosofia dos adultos que fazem uso abusivo de drogas legais e querem que as crianças entendam que o importante é fazer o certo e ter eles, como exemplo do que não se deve fazer.

É necessário urgente repensarmos e refletirmos sobre o tema em questão em nossa realidade, pois muitas crianças e adolescentes se aproximam das drogas devido à má informação, do fácil acesso a elas, da insatisfação com a qualidade de vida, porque tem uma personalidade vulnerável e até mesmo uma saúde deficiente.

A escola seria e é o melhor lugar para se debater este assunto, por ter a possibilidade de acesso às crianças, jovens e adultos. Porém “o despreparo e a resistência por parte das instituições escolares para lidar com assuntos relacionados a problemas sociais e transformações culturais ainda são considerados tabus”, assim como o tema droga. (SOARES; JACOBI, 2000, p.214).

Para Detoni (2009, p. 127), “a escola não deve esperar que o problema surgisse na sala de aula, nos banheiros, no pátio, no portão para discutir a questão.”

Buscar informação correta e coerente, para uma boa prevenção não depende da quantidade de informações, mas do crédito dado a ela e isto começa desde muito cedo. Segundo, Soares e Jacobi (2000, p.214):

[...] é também notável, entre os estudos até hoje conduzidos, a ausência de trabalhos que tomem como referência empírica o espaço educacional, sejam os que se refiram aos programas de prevenção, seja os que se refiram à avaliação desses programas.

O mundo das drogas tem seu contexto e este modifica toda uma vida e pessoa, por isso há necessidade de pensar e fazer prevenção. Nossa realidade nos faz refletir sobre esse mundo em que cada dia, mais crianças e adolescentes vão a procura de prazer, satisfação e autoafirmação. E isso obviamente, nos faz refletir sobre nossos valores, a qualidade de vida, o preconceito e a educação.

Antes de se falar em prevenção é necessário entender o que ela significa e qual o significado desta palavra propriamente dita. Pois o intuito é trabalhar a prevenção primária; e o sentido desta palavra quer dizer “evitar”, “chegar antes”, e assim debater nas nossas escolas tal assunto.

No caso da prevenção ao uso/consumo de drogas nas escolas tal assunto estaria focado em oferecer informações e orientações para as melhores escolhas, sensibilização e valores de vida; já que o assunto envolve, vida, saúde, família, religião, cultura, sentimentos e aprendizados.

Ao trabalharmos a educação preventiva, não devemos deixar que esta se restringisse à sala de aula, mas que seja passado uma temática de toda instituição, família e sociedade, haja vista que, este é um problema social e merece ser mais debatido. Portanto, “o contexto da droga tem suas “linguagens”, e precisamos aprender a ler e decifrar, pois o aprendizado da vida não termina quando saímos da escola ou da faculdade.” (ÁVILA, 1998, p.150).

Enfim, trabalhar ou discutir a prevenção de drogas não é uma tarefa fácil, porém necessária; quebrar barreiras, tabus e ideias pré – concebidas, é o primeiro passo, trazer novos conhecimentos e informações certas aos nossos alunos é o primordial, o que resta é entender, melhorar e buscar novas iniciativas sempre.

A contribuição da educação na prevenção ao uso de drogas é um enfoque relativamente recente. Vizzolto (In: Alencar, 1988,), por exemplo, observa que a ação de prevenção tradicionalmente era feita em outras instancias, tais como o Poder Judiciário, o qual também cuidava da repressão ao tráfico. No entanto, após a Segunda Guerra Mundial, o aumento do

consumo de drogas trouxe à tona a necessidade urgente de integrar, de maneira mais ativa, a área da educação no combate ao uso de drogas. (UNESCO, 2002, p.23)

Para Abramovay (2005, p. 114),

A criação de "escolas protetoras", o que requer investimento de qualidade na formação e no aperfeiçoamento dos professores em várias áreas (inclusive em temas relativos às drogas), em programas que enfatizem atividades culturais e lúdicas e na ampliação das oportunidades para os jovens em diversos campos.

Logo a escola só dará conta de trabalhar com a questão da droga se reformular sua proposta de trabalho, investir em formação dos docentes e se propor a encarar o problema com ações pontuais, planejadas e bem elaboradas para cumprir o papel de prevenir, coibir e ajudar seus estudantes na tarefa de não usar drogas por qualquer razão, motivo ou interesse em conhecer.

### 3.5. RELAÇÕES ESTUDANTIS NO ESPAÇO ESCOLAR E O PAPEL DA ESCOLA

Pensar em um projeto de intervenção que busque ações de prevenção exige pensar não apenas o conceito de adolescência e suas características. Mas pensar também no papel da escola, no modo como a escola estrutura suas ações e seu olhar sobre o adolescente.

O olhar da sociedade sobre a infância é algo interessante. Desde os tempos mais remotos os adultos lançam seus olhares sobre crianças, adolescentes e jovens e julgam estes a partir da sua ótica.

“... A nossa terra está se desmoronando. As crianças não obedecem mais aos seus pais...” inscrição egípcia em pedra, + de 2000 anos. (Sócrates 469-399 a. C).

“... Não vejo esperança para o futuro de nosso povo se ele depender da frívola juventude de hoje, pois todos os jovens são indivisivelmente frívolos. Quando eu era menino, ensinavam-nos a respeitar os mais velhos, mas os meninos de hoje são excessivamente sabidos e não toleram restrições...” Heríodo, século VII A.C.

“... Os nossos jovens parecem amar o luxo. Tem maus modos e desdenham a autoridade. Desrespeitam adultos, e gastam seu tempo vadiando por aí, tagarelando uns com os outros. Estão sempre prontos a contradizer seus pais, monopolizam a atenção em conversas, comem insaciavelmente, e tiranizam seus mestres...”.

Observando as citações acima podemos refletir inicialmente sobre o fato de que os adultos entram em conflito com as crianças e adolescentes. Mas não basta apenas relatar essas situações de conflito sem tomar a responsabilidade de educar. Cabe compreender que a escola também tem sua parcela de contribuição no desenvolvimento do indivíduo, mais especificamente na aquisição do saber culturalmente organizado e em suas áreas distintas de conhecimento.

Bronfrenbrenner (1999) enfatiza que os três principais sistemas que afetam a criança em desenvolvimento são: a família, a escola e o ambiente externo a estes dois contextos. Ele destaca a influência dos aspectos culturais, como crenças, valores, atitudes e oportunidades, que podem facilitar ou mesmo dificultar a evolução da pessoa.

Daí surge à responsabilidade da escola em formar e contribuir no desenvolvimento desse indivíduo com ações que valorizem o saber, a cultura e a aquisição do conhecimento científico sobre os fatos.

Pensar nas relações estudantis no espaço escolar significa compreender que:

A escola precisa redimensionar o seu pensar, reformulando suas ações pela compreensão do que a comunidade escolar (entendida aqui os alunos, pais, professores, equipe pedagógica, direção, funcionários) espera dela enquanto função social. Ao que nos deparamos frequentemente com inúmeras instituições tentando descrever e delinear as mazelas da escola, no entanto, nós educadores nos reservamos muitas vezes a apenas ouvi-los sem definir “publicamente” nossos anseios, interesses e preocupações. Tem-se permitido que diferentes profissionais interfiram no processo de direção da escola, ao que entendemos ser necessário aos profissionais da educação assumir esse espaço de afirmação e responsabilidade. (SCHRAM e CARVALHO, 2010, p.5).

Outra questão importante a ser considerada é o fato de que a escola tem grandes possibilidades de discutir questões de saúde e trabalhar com elas.

A escola não pode ser vista como solução para todos os problemas sociais, mas ela é parte desta sociedade, e a produção de conhecimento transmitido e construído na escola é também permeada pelas relações sociais apreendidas e vivenciadas na escola. (BRESSAN, 2008, p. 09)

Pois no centro das ações da escola está a coletividade e dela emanam as demandas de conteúdos e necessidades contemporâneas com as quais a escola tem que lidar.

Produzir uma escola mais saudável, em que o diálogo prevaleça como principal e mais potente instrumento para construção do conhecimento, é um caminho simples e possível de ser construído, muito mais simples do

que perpetuar os sentimentos de medo e de opressão vivenciados inúmeras vezes por professores/as e alunos/as em nossas escolas. O diálogo e a abertura de “pontes” reais entre a comunidade e a escola e entre alunos/as e professores/as podem ser caminhos mais curtos para uma escola promotora de saúde e solidariedade. (BRESSAN, 2008, p. 09).

Outro fator de discussão e de conclusão é o papel da escola no trabalho com a saúde e o modo como isso deve estar explícito na proposta pedagógica escolar e nos seus documentos.

A saúde precisa ser pensada na inserção do Projeto Político-Pedagógico da escola porque, como forma de construção coletiva que envolve todos os segmentos da comunidade escolar, se integra aos planos da escola e da comunidade para a constituição do conhecimento e o viver a vida. Nesse contexto, a promoção da saúde na escola se configura em atividades que favorecem e estimulam a reflexão e o conhecimento, valorizam a construção coletiva, a participação e a mobilização social. E por meio de políticas sociais saudáveis, intersetoriais e sustentáveis, a produção da saúde na escola representa enfrentamento às desigualdades socialmente determinadas, incluídas as questões relativas a gênero, raça/etnia e orientação sexual, entre outras. (Silva, 2008, p.27).

Sendo assim, a escola precisa urgentemente tornar efetivas as suas ações com relação ao desenvolvimento e promoção da saúde, bem como preocupar-se em buscar propostas e ações para o combate ao uso indiscriminado de drogas por crianças e adolescentes sem consciência dos riscos e prejuízos provocados por tais usos. (PARANÁ, 2010).

Após algumas leituras e muitas discussões entendemos que para abordar a questão das drogas e desenvolver ações de prevenção na escola, é necessário ter um planejamento que envolva os diferentes segmentos, incluindo coordenadores, professores, pais, funcionários, estudantes e comunidade. Não basta apenas que algumas disciplinas sejam envolvidas ou que as ações sejam feitas com um determinado grupo. (MEC, 2005).

É preciso ir além do que vem sendo feito, precisamos inserir no projeto político pedagógico da escola ações que devem ser desenvolvidas com todos os estudantes ao longo de cada ano letivo.

Consideramos a aceitamos a proposta de que o trabalho deve ser desenvolvido durante todo o processo escolar, por meio de métodos interativos, integrado ao currículo e as ações de promoção à saúde individual e coletiva.

Compreender que as propostas devem ser desenvolvidas no coletivo da escola significa entender que o educador pode contribuir para prevenir o abuso de

drogas entre adolescentes de duas formas básicas: incentivando a reflexão e a adoção de medidas na própria escola onde trabalha e atuando diretamente com seus alunos, na sala de aula. (PARANA, 2010)

Além disso, cabe pensar que um dos componentes importantes na construção de uma escola saudável é dar espaço para os alunos se expressarem, envolverem-se em novas propostas, compartilharem problemas e procurarem soluções. Uma escola que inclua, congregue, contribui para o desenvolvimento da autoestima e para a percepção de limites. (SENAD, 2007).

Contemplar tais ações significa ainda assumir que a escola tem a responsabilidade de estabelecer parcerias que ajudem a criar uma rede de apoio, ou seja, trabalhar em parceria com Organizações Governamentais e Organizações não Governamentais OG e ONG rever anualmente sua prática Pedagógica; desenvolver ações vinculadas com a realidade local; promover os adolescentes como sujeitos de ação e mudança; motivar a família para a participação e trazer a arte enquanto elemento formador de identidade e de sonhos. Enfim, a escola deve ser pensada enquanto espaço inclusivo em toda sua plenitude. (BRASIL, 2008).



## 4. METODOLOGIA

### 4.1 TIPOS DE INTERVENÇÃO

Trata-se de trabalho de intervenção. Cujo título indica ser um trabalho que se fundamenta nos pressupostos da pesquisa-ação. Tem como base a ideia de uma relação dialética entre pesquisa e ação, supondo ainda que a pesquisa deve ter como função a transformação da realidade. No campo educacional, essa modalidade de pesquisa é bastante enfatizada, devido à relevância de seu caráter pedagógico: os sujeitos, ao pesquisarem sua própria prática produzem novos conhecimentos e, ao assim fazê-lo, apropriam-se e ressignificam sua prática, produzindo novos compromissos, de cunho crítico, com a realidade em que atuam. (BRASIL, 2010).

A pesquisa-ação tem sido utilizada, nas últimas décadas, de diferentes maneiras, a partir de diversas intencionalidades, passando a compor um vasto mosaico de abordagens teórico-metodológicas, o que nos instiga a refletir sobre sua essencialidade epistemológica, bem como sobre suas possibilidades como práxis investigativa.

A pesquisa proposta para a intervenção tem como foco o uso indevido de drogas por crianças e adolescentes. Que foi realizada através de leituras selecionadas de acordo com o tema. Nesta perspectiva a pesquisa teve como foco os estudos baseados na reflexão entre os alunos e nos estudos com os professores e pedagogos da escola.

### 4.2 CARACTERIZAÇÕES DO CAMPO DE INTERVENÇÃO

A Escola Municipal Júlia Amaral Di Lenna atende a Educação Básica, na modalidade de anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, com as seguintes especificações: Ensino Fundamental com oferta de nove anos, sendo os cinco anos iniciais – do 1º ao 5º ano – organizados em dois Ciclos – Ciclo I e Ciclo II - e os 4 anos finais organizados em séries, com implantação gradativa da nova nomenclatura do Ensino Fundamental obrigatório de 9 anos e adequação da idade

de ingresso, a partir de 2007, atendendo a Resolução nº 03/05 – CNE, o Parecer nº 01/06 – CEE e as Deliberações nº 03/06 e 05/06 – CEE, conforme segue:

Anos iniciais: O Ciclo I organizado em três anos – 1º, 2º e 3º anos. A idade de ingresso no Ciclo I – Ensino Fundamental obrigatório de nove anos atenderá ao disposto na legislação educacional vigente; e, o Ciclo II organizado em dois anos – 4º e 5º ano, destinado aos educandos que concluíram o Ciclo I ou classificados ou reclassificados para o mesmo.

Anos Finais: O ensino Fundamental com oferta de quatro anos finais do Ensino Fundamental, organizados em séries, do 6º ao 9º ano.

Atualmente a Escola Municipal Júlia Amaral Di Lenna atende crianças e adolescentes compreendendo a faixa etária de 4 a 16 anos no período diurno. No período da manhã, segunda fase do Ensino Fundamental, do sexto ao nono ano, compreendendo a faixa etária de 10 a 14 anos ou 16 anos em alguns casos; e no período da tarde a primeira fase do Ensino Fundamental que contempla do primeiro ao quinto compreendendo a faixa etária de 5 a 10 anos.

#### 4.3. CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Foram sujeitos da intervenção, cento e oitenta alunos, de seis turmas do 6º anos, do Ensino Fundamental, matriculadas no do período da manhã. O projeto fio desenvolvido na disciplina de língua inglesa, contando com a colaboração das professoras de arte e de língua portuguesa, com uma carga horária de duas aulas semanais que totalizou 28 aulas de aplicação.

As atividades do projeto foram pensadas e programadas com os textos e as atividades sendo inseridas diretamente no conteúdo de língua estrangeira. Os alunos das turmas atendidas apresentam idades que variam entre 10 e 13 anos, com uma diversidade de perfis que envolvem inclusão educacional, altas habilidades, alunos retidos e ainda alunos cujas famílias são completamente desestruturadas.

No sexto ano do Ensino Fundamental encontram-se matriculados 80 estudantes do sexo feminino e 100 estudantes do sexo masculino.

A apresentação do projeto foi realizada com todos os professores do período da manhã, três pedagogas da escola que acompanham os alunos do período da manhã, um coordenador disciplinar e a equipe de direção. Porém, os estudos e as

discussões contaram com a participação efetiva de três professoras de arte, seis professoras de língua portuguesa e uma professora de língua inglesa que colaborou efetivamente com o projeto.

## 5. RELATO DE APLICAÇÃO DAS INTERVENÇÕES

O Projeto de Intervenção foi apresentado à direção e pedagogas no mês de junho. Após a leitura e aprovação do projeto pela direção, a proposta foi apresentada aos professores e posteriormente aos alunos.

O projeto de intervenção **“O uso de drogas lícitas e ilícitas por crianças e adolescentes é também uma questão de educação”**, foi aplicado na Escola Municipal Julia Amaral Di’ Lenna com turmas de sexto ano do ensino fundamental e com os professores das disciplinas de língua inglesa, arte, língua portuguesa.

As atividades foram desenvolvidas durante as aulas de língua inglesa, e tiveram como elemento disparador das discussões a literatura infanto juvenil em língua inglesa e língua materna.

Por que escolher a literatura, se há inúmeros recursos para utilizar? A escolha e a opção de iniciar um projeto por meio do texto literário baseiam-se na ideia de que a história da literatura perpassa a história da humanidade. Desde tempos muito remotos os homens utilizam as histórias para ensinar, divertir, criticar, etc.

A contação de histórias promove condições para a aprendizagem de todos os conceitos de língua, história, arte e tantas outras disciplinas, pois, proporcionam condições reais de conhecimento, interação e vínculo com a criança. Contar histórias fomenta o prazer da leitura e estimula à escrita e causa um momento de prazer que pode ser outro viés na linha de pensamento de crianças e adolescentes. Além desse aspecto o trabalho com a literatura segue o que diz a rede municipal de ensino:

O trabalho com a leitura deve ter como objetivo à formação do leitor reflexivo e proficiente, capaz de ler funcionalmente. Por meio dela, constroem-se visões de mundo e caminhos linguísticos para a expressão de ideias, propósitos, sentimentos e fazeres. (Curitiba, 2006, p.208).

Outro aspecto a ser considerado é o fato de que a literatura infantil é fruto do imaginário das crianças, sua importância se dá a partir do momento em que elas tomam contato oralmente com as histórias, e não somente quando se tornam leitores. Desde muito cedo, a literatura torna-se uma ponte entre histórias e imaginação, já que “é ouvindo histórias que se pode sentir... e enxergar com os olhos do imaginário... abrir as portas à compreensão do mundo”. (ABRAMOVICH: 1995, p.17).

Assim sendo, o viés literário cabe num projeto de intervenção para prevenção na medida em que busca as possibilidades de vivenciar por meio lúdico aquilo que não se pode fazer na realidade, para além da vivência lúdica, a literatura permite que a criança assuma papéis e se coloque na situação real do personagem refletindo sobre suas ações e sua vida e desenvolva deste modo a capacidade de reflexão sobre os seus valores e os valores do grupo.

Para Silveira (2008, p. 96),

A leitura e a narração dos textos literários na sala de aula (ou fora dela) compõem/ampliam o acervo pessoal de histórias, poesias, ditos, pelos quais uma criança começa a perceber modelos de escrita e comportamento e vai aprimorando o seu critério de escolhas.

## 5.1. ATIVIDADE 1 – O DIÁRIO DE UM BANANA.

Período de realização da atividade: (Junho, Agosto e Setembro).

Iniciamos as atividades com a coleção “O diário de um Banana”, que é uma série de sucesso de livros escritos por Jeff Kinney. A série é composta por seis livros. O primeiro, O Diário de um Banana; o segundo - Rodrick É O Cara; o terceiro A Gota D'água; o quarto Dias De Cão; o quinto A Verdade Nua E Crua e por ultimo, o sexto, que lançou recentemente Casa Dos Horrores. (KINNEY, 2012).

Falando brevemente, O DIÁRIO DE UM BANANA, é nada mais nada menos do que a vida de Greg Heffley, um garoto que acaba de entrar no sexto ano e suas aventuras na tentativa de sobreviver no espaço escolar em companhia de garotos de sua idade e de garotos mais velhos com os quais tem que conviver no espaço escolar. Se não bastasse a questão escolar Heffley ainda precisa contornar os

problemas diários com seus irmãos, um mais velho que o maltrata e o mais novo mimado pela mãe e destruidor de tudo.

Além da leitura dos livros, trabalhamos com a exibição de dois filmes da série O Diário de um Banana (KINNEY, 2012), cuja temática deixou os alunos apaixonados pelas obras.

A escolha pela literatura vem em virtude da busca por um trabalho lúdico que fosse possível de ser realizado, tanto com crianças e adolescentes, sem expor diretamente o tema discutido e o resultado final do projeto de intervenção.

Cada etapa foi pensada para permitir, que as crianças pudessem discutir as cenas e pensar sobre seus atos no espaço escolar, comparando as atitudes do personagem consigo e com os colegas.

Tendo como base o livro 'O Diário de um Banana', os alunos foram levados a pensar nas características de personalidade dos personagens e, de si mesmos, a refletir sobre suas atitudes e a atitude dos colegas diante dos problemas do cotidiano, planejar seu dia e seu futuro, discutir fatos da vida: como a falta de atenção dos pais, tirar nota baixa no boletim, ser zombado pelos colegas, etc. Além é claro, de colocar-se no papel do personagem e discutir o que é realmente importante na escola e na vida.

Junto com as atividades de leitura dos livros foram propostas atividades de produção artística e escrita nas quais os alunos puderam expressar seus sentimentos, opiniões e mostrar um pouco mais de seu cotidiano.

A primeira atividade solicitada exigia que cada aluno criasse uma história em quadrinhos sobre sua vida, desenhando-se e escrevendo uma aventura real que já tivesse vivenciado.

Na sequência, fez a sua caricatura e a caricatura de um amigo ressaltando algum aspecto que chamava a atenção para si.

Num outro momento os alunos foram convidados a atribuir adjetivos para si mesmos com o intuito de identificar suas qualidades e fortalecer a questão do eu diante do grupo.

Na etapa seguinte as crianças foram convidadas a mostrar por meio de fotos ou desenhos a sua família e falar um pouco da sua relação com a mesma. Nesta etapa muitas coisas curiosas e muitas preocupações do mundo adulto ficaram evidentes no discurso infantil.

Para finalizar o trabalho com, O Diário de um Banana e dar oportunidade de expressão aos estudantes solicitamos que escrevessem seus diários relatando o que achassem importante registrar.

Na experiência com a literatura muitos segredos foram revelados. Cada aluno mostrou literalmente a sua cara. Por meio das leituras, da reflexão sobre os textos e da produção os estudantes tiveram espaço para mostrar aspectos de sua vida. Cada configuração familiar foi mostrada nas atividades de construção das árvores genealógicas e na comparação com a obra literária. As atitudes dos familiares para com cada estudante também foram desenhadas no espaço de reflexão textual.

Para Polonia e Dessen (2005, p. 304), a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsores ou inibidores do seu crescimento físico, intelectual e social.

Outro aspecto importante a ser observado a partir da literatura foram os sentimentos dos estudantes com relação a si mesmos, com relação à família e com relação à escola. Tais sentimentos estão diretamente relacionados entre si e constituem fatores que segundo os próprios estudantes contribuem para a entrada no mundo da droga.

Em cada atividade realizada os depoimentos dos estudantes mostraram o envolvimento com o tema: *“Acho que o livro é muito bom, devemos ler por que ele fala sobre a vida de um menino que é escrita em um diário, e as pessoas se identificam com ele e sua família.”* (Giovanna, 11 anos).

## 5.2 ATIVIDADE 2: TO BE OR NOT TO BE.

Período de realização da atividade: (Outubro)

Ainda na temática literária trabalhamos com o texto, um fragmento da obra Hamlet de Willian Shakespeare, especificamente com o trecho “Ser ou não Ser Eis a Questão” (SHAKESPEARE, 1993), com o objetivo de discutir filosoficamente o que somos o que nossos pais esperam que sejamos, o que a escola pensa de nós, o

que o grupo exige de cada um de nós e a nossa essência e ainda o que a mídia nos diz que somos.

*Ser ou não ser, eis a questão: será mais nobre  
Em nosso espírito sofrer pedras e setas  
Com que a Fortuna, enfurecida, nos alveja,  
Ou insurgir-nos contra um mar de provações  
E em luta pôr-lhes fim? Morrer. dormir: não mais.  
Dizer que rematamos com um sono a angústia  
E as mil pelejas naturais-herança do homem:  
Morrer para dormir... é uma consumação  
Que bem merece e desejamos com fervor.  
Dormir... Talvez sonhar: eis onde surge o obstáculo:  
Pois quando livres do tumulto da existência,  
No repouso da morte o sonho que tenhamos  
Devem fazer-nos hesitar: eis a suspeita  
Que impõe tão longa vida aos nossos infortúnios.  
Quem sofreria os relhos e a irrisão do mundo,  
O agravo do opressor, a afronta do orgulhoso,  
Toda a lancinação do mal-prezado amor,  
A insolência oficial, as dilações da lei,  
Os doestos que dos nulos têm de suportar  
O mérito paciente, quem o sofreria,  
Quando alcançasse a mais perfeita quitação  
Com a ponta de um punhal? Quem levaria fardos,  
Gemendo e suando sob a vida fatigante,  
Se o receio de alguma coisa após a morte,  
—Essa região desconhecida cujas raias  
Jamais viajante algum atravessou de volta —  
Não nos pusesse a voar para outros, não sabidos?*

*O pensamento assim nos acovarda, e assim  
 É que se cobre a tez normal da decisão  
 Com o tom pálido e enfermo da melancolia;  
 E desde que nos prendam tais cogitações,  
 Empresas de alto escopo e que bem alto planam  
 Desviam-se de rumo e cessam até mesmo  
 De se chamar ação. “” [...].*

(SHAKESPEARE, 1948, p.33).

Nesta etapa a proposta mesclou um vídeo da peça (MGM, 1948) com a interpretação do texto e a leitura do trecho em versão bilíngue. Após a leitura, passamos para o campo das discussões e da ilustração na qual os alunos foram convidados a se fazer seu autorretrato.

Tal atividade motivou o grupo a discutir e refletir sobre os fatos e os atos. Lembrando inclusive do consumismo, das propagandas e da influencia da mídia nas escolhas individuais e coletivas.

Nesta fase coube também discutir as questões de pertencimento a um grupo, e o que as pessoas fazem para fazer parte de um determinado.

O conflito de identidade presente no trecho estabelece uma relação direta com as dificuldades do adolescente que busca sua identidade e não sabe ainda e muito claramente quem é.

Para a pediatra e psicanalista francesa Françoise Dolto (1908-1988), autora de clássicos sobre a psicologia de crianças e adolescentes, os seres humanos têm dois tipos de imagem em relação ao próprio corpo: o real, que se refere às características físicas, e a simbólica, que seria um somatório de desejos, emoções, imaginário e sentido íntimo que damos às experiências corporais. Na adolescência, essas duas percepções são abaladas. (DOLTO, 2004).

Surgem as crises e a busca de uma identidade própria que é uma das principais características e funções da fase de adolescência, para isso o adolescente passa por alguns “lutos” que, por vezes, geram conflitos com ele mesmo e com os que estão próximos dele. E é este período que os deixa vulneráveis, inseguros e a mercê de situações de risco.



Cabe aos adultos compreender o que a adolescência significa, neste contexto, ter consciência das dificuldades, incertezas e conflitos que os adolescentes e os jovens das classes desprivilegiadas enfrentam, em sua luta cotidiana, para construir a sua identidade. E contribuir para a formação de uma identidade sólida, ética e segura. (DOLTO, 2004)

Pensar na própria identidade traz em si a contradição de encerrar uma ideia de permanência e, ao mesmo tempo, de transformação. Ou seja, esse conceito compreende a permanência das características pessoais ao longo da história do indivíduo, e também contempla os diferentes papéis que o indivíduo assume ou assumirão na vida social, papéis esses muitas vezes contraditórios e em constante transformação. Por outro lado, as experiências que ocorrem ao longo da história pessoal transformam a identidade, estabelecendo um processo de constante reconstrução e afirmação de si mesmas. Seguindo esta lógica a identidade vai assim se construindo, se consolidando e se transformando. (DOLTO, 2004)

Na adolescência, há o abandono da identidade infantil, e, conseqüentemente, a busca de uma nova identidade com características adultas. Sendo uma identidade frágil, que está em busca de uma nova forma de ser, o processo de autoafirmação perpassa todos os seus momentos de construção e está no cerne dos conflitos, das incertezas e também dos sucessos dessa fase. (MENESES, 2010)

De acordo com Dolto (2004, p.15),

Nessa idade, todos os julgamentos produzem efeito, inclusive os são expressos por pessoas que não tem nenhuma credibilidade, por exemplo, os invejosos, ou que não vão com a cara dos pais. E obviamente que tais julgamentos contribuem para os rumos, as decisões e as escolhas dos adolescentes. O que pode certamente ser mais um fator de risco e/ou vulnerabilidade com afirma a autora em outro trecho de sua obra. Nessas “crises”, o jovem é contra todas as leis, por que lhe parece que alguém que representa a lei não lhe permite ser e viver.

Na sequência inserimos o texto “Eu, Etiqueta” de Carlos Drummond de Andrade, para pensarmos um pouco nesta relação de identidade, compreender quem somos. O texto retrata o modo como às pessoas são influenciadas por muitas situações e esquecem sua essência. A atividade buscou a reflexão sobre o próprio

ser, pois os alunos criaram seus quadros colocando fotos e imagens do dia a dia que contribuíam para a sua identidade.

### **EU ETIQUETA**

*Em minha calça está grudado um nome  
Que não é meu de batismo ou de cartório  
Um nome... estranho.  
Meu blusão traz lembrete de bebida  
Que jamais pus na boca, nessa vida,  
Em minha camiseta, a marca de cigarro  
Que não fumo, até hoje não fumei.  
Minhas meias falam de produtos  
Que nunca experimentei  
Mas são comunicados a meus pés.  
Meu tênis é proclama colorido  
De alguma coisa não provada  
Por este provador de longa idade.  
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,  
Minha gravata e cinto e escova e pente,  
Meu copo, minha xícara,  
Minha toalha de banho e sabonete,  
Meu isso, meu aquilo.  
Desde a cabeça ao bico dos sapatos,  
São mensagens,  
Letras falantes,  
Gritos visuais,  
Ordens de uso, abuso, reincidências.  
Costume, hábito, permanência,  
Indispensabilidade,  
E fazem de mim homem-anúncio itinerante,*

*Escravo da matéria anunciada.  
Estou, estou na moda.  
É duro andar na moda, ainda que a moda  
Seja negar minha identidade,  
Trocá-la por mil, açambarcando.  
Todas as marcas registradas,  
Todos os logotipos do mercado.  
Com que inocência demito-me de ser  
Eu que antes era e me sabia  
Tão diverso de outros, tão mim mesmo,  
Ser pensante sentinte e solitário  
Com outros seres diversos e conscientes  
De sua humana, invencível condição.  
Agora sou anúncio  
Ora vulgar ora bizarro.  
Em língua nacional ou em qualquer língua  
(Qualquer principalmente.)  
E nisto me comparo, tiro glória  
De minha anulação.  
Não sou - vê lá - anúncio contratado.  
Eu é que mimosamente pago  
Para anunciar, para vender  
Em bares festas praias pérgulas piscinas,  
E bem à vista exhibo esta etiqueta  
Global no corpo que desiste  
De ser veste e sandália de uma essência  
Tão viva, independente,  
Que moda ou suborno algum a compromete.  
Onde terei jogado fora*

*Meu gosto e capacidade de escolher,  
 Minhas idiossincrasias tão pessoais,  
 Tão minhas que no rosto se espelhavam  
 E cada gesto, cada olhar  
 Cada vinco da roupa  
 Sou gravado de forma universal,  
 Saio da estampa, não de casa,  
 Da vitrine me tiram, recolocam,  
 Objeto pulsante, mas objeto  
 Que se oferece como signo dos outros  
 Objetos estáticos, tarifados.  
 Por me ostentar assim, tão orgulhoso  
 De ser não eu, mas artigo industrial,  
 Peço que meu nome retifiquem.  
 Já não me convém o título de homem.  
 Meu nome novo é Coisa.  
 Eu sou a Coisa, coisamente.*

(ANDRADE, 1984: 85-87)

A atividade com o texto de Drummond somado ao texto de Shakespeare chamou a atenção e empolgou os alunos a falarem da sua identidade, comentarem sobre seus gostos e escolhas. Assumirem que se deixam levar por uma opinião alheia ou uma propaganda e evidenciarem a necessidade de fortalecimento de sua identidade.

Foi interessante perceber nesta etapa o processo de reflexão dos estudantes, mesmo sendo crianças eles demonstraram clareza da influência da mídia, dos meios de comunicação e de outras pessoas em suas vidas e na definição de uma identidade própria.

### 5.3. ATIVIDADE 3: CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS (DON'T SMOKE)

Período de realização da atividade: (Outubro e Novembro)

Nesta etapa trabalhamos diretamente com o tema, analisando campanhas antitabagismo e discutindo as questões que levam as pessoas a fazer uso de cigarros ou outras drogas.

A opção por campanhas e programas de TV, vem baseada na concepção de que os programas de TV incentivam o comportamento crianças e adolescentes e logo seria um meio de perceber uma nova possibilidade de discussão, abordagem e aprendizagem.

As informações possibilitam a formação dos valores, atitudes e comportamentos. Faz-se necessário avaliar o teor das informações recebidas, uma vez que, quando se trata de temática como a AIDS, drogas e violência, informações equivocadas ou distorcidas geram valores que estarão na base de atitudes e/ou ações violentas inaceitáveis ou mesmo inadequadas para uma vida social mais solidária. (PARANÁ, SEED, 2010, p.98).

Freitas, 2002 aponta que o adolescente é extremamente vulnerável aos apelos provenientes do mundo das drogas, em virtude das mudanças em seu mundo interno e pela complexidade da fase, com ganhos e perdas importantes. O adolescente deve expor seu sentimento, pois a negação poderá se traduzir em uma grave patologia conhecida como comportamento Antissocial, autodestrutivos, encobridores de uma intensa angústia existencial.

Se a criança cresce em um ambiente familiar sem amor, sem limites, sem atenção, ela pode tornar-se um indivíduo sem estrutura emocional para enfrentar os mais diversos problemas de sua vida.

Um adolescente com estrutura emocional frágil aliada às mudanças das fases são fatores de risco para que ele vá à procura de alguma coisa que o preencha, e se esse relacionar isso a droga, a progressão para desajustes sociais, que dentre outras patologia poderá ser a dependência de drogas.

É necessário que os pais, amigos e /ou professores e adultos, que convivem diariamente com o adolescente, estejam atentos e dispostos a ajudá-lo a passar de forma construtiva por essa fase chamada do ciclo vital.

Esta foi à etapa mais interessante do projeto, pois permitiu o diálogo aberto sobre o tema do projeto e a intencionalidade da pesquisa.

Os estudantes relataram fatos do seu cotidiano, apontando os dramas familiares diante do vício e do consumo de cigarros, bebidas e drogas. Como podemos perceber nos relatos abaixo:

*“Meu pai fuma muito, não sei se ele tem noção de que o cigarro faz mal, eu não sabia que fazia tanto mal.”* (José, 11 anos)

*“Meus primos usam drogas. Um deles usa droga injetável, um dia perguntei pra ele porque fazia isso e ele me disse que era bom.”* (Isadora, 13 anos)

*“Aquele menino o Jean que estudava aqui na sala fumava maconha e ele dizia que não dava nada fumar.”* (Wagner, 11 anos)

Os relatos apontam para a intimidade das crianças com adultos, que consomem cigarros, bebidas e drogas e ainda mostram que apesar dos meios e do acesso à informação as pessoas não tem a mínima noção dos riscos a saúde de quem consome tais produtos. Além disso, as falas apontam para o fato de que o desconhecimento provoca ainda mais curiosidade e, fascínio por este mundo que, parece sedutor, proibido e digno de uma aventura.

Outro fator que pode ser lido na fala dos estudantes vem marcado pelo contato e pela curiosidade em saber o que é a droga e como ela atua no corpo humano.

Além dos relatos sobre parentes e suas histórias as discussões permitiram o crescimento do grupo e algumas decisões mesmo que precoces de dizer: “eu não quero fumar, porque acho que fumar não é bom e não vai me fazer bem”.

A experiência realizada com a propaganda antitabagismo enfatiza a necessidade de que as crianças e os adolescentes precisam de espaço para conversar sobre o assunto, debater, discutir e pesquisar, para depois fazer suas escolhas. Não dá para a escola moderna aceitar que um indivíduo decidiu fumar por ter visto o colega fazendo isso.

Na sociedade da informação é imprescindível que as crianças desde muito pequenas sejam preparadas para fazer suas escolhas de modo consciente, crítico e até mesmo político. É preciso fortalecê-las de tal modo que o uso disto ou daquilo seja fruto da sua consciência e não da influência coletiva ou para o coletivo. A melhor saída é chamar a atenção para aquilo que há de positivo no comportamento

do próprio jovem. Assim, ele poderá começar a reconhecer nele mesmo, traços da identidade que constrói e se fortalecer. (BRASIL, 1997).

O fortalecimento individual, a valorização de cada indivíduo e a capacidade de conhecer e produzir conhecimento são as grandes armas na discussão sobre o consumo de substâncias tóxicas. Uma pessoa amada, consciente e bem resolvida sabe o que quer e que caminhos devem seguir. (OBID, 2008).

## **6. ANÁLISE DOS RESULTADOS**

O trabalho teve início sem muitas pretensões, mas o nível das discussões provocadas pelos alunos foi surpreendente. Em cada etapa do projeto o envolvimento dos estudantes com as questões apontadas foi evoluindo e ampliando-se.

No princípio as atividades propiciaram pequenos apontamentos sobre a intencionalidade da pesquisa. Na sequência as atividades foram proporcionando um espaço de aprendizagem e construção de conhecimento.

Perceber a identificação dos estudantes com os personagens, os textos e os vídeos trabalhados. Faz-nos pensar sobre o papel da escola e o modo como estamos ensinando nossas crianças e jovens. Não basta trabalhar apenas o conteúdo escolar se este conteúdo não for capaz de estabelecer uma relação direta com o aprendiz, se este conteúdo não estiver conectado com as necessidades da vida do educando.

Desenvolver tal projeto com os estudantes de sexto ano da Escola Municipal Julia Amaral Di' Lenna, traz à tona a urgência de repensar as ações da escola, reformular práticas e projetos, propor projetos que tenham os adolescentes como protagonistas e líderes de sua própria história.

Os depoimentos apresentados durante o desenvolvimento das atividades apontam que o saber do adolescente tem coerência e tem também uma urgência de compreensão e audição por parte da escola e até mesmo das famílias.

A escola deve estar preparada para apreender e compreender todas as manifestações do educando, a fim de orientá-lo em suas buscas, ajudá-lo a sanar dúvidas e superar medos, incitá-lo a refletir, questionar e descobrir o melhor caminho a ser trilhado. (ORNELAS, 2011).

Tal compreensão reafirma que o papel da escola é de formar cidadãos participativos e capazes de analisar o que é bom ou não para si, de fazer suas escolhas se o assunto lhe é questionado e de refletir se com isso afetará ou não a vida de outras pessoas.

Além disso, a participação dos estudantes deixa claro que devemos trabalhar os conteúdos de saúde e de prevenção de forma que auxiliem nossas crianças a crescerem saudáveis e seguras.

É necessário termos uma visão inovadora e desenvolver tal temáticas atuais de uma forma mais pedagógica e dentro de um ambiente apropriado para que nossos alunos sintam-se seguros ao questionar e buscar respostas para suas inquietações. É importante olhar para os anseios dos estudantes, percebendo cada situação e buscar meios de solucioná-las, seja trazendo o conteúdo científico, debatendo o assunto, apenas ouvindo ou ainda buscando iniciativas da comunidade docente para envolver essas crianças e adolescentes e encontrar soluções e saídas para suas angústias. (DUK, 2005).

As discussões provenientes do projeto reafirmam que a escola precisa trabalhar formas de prevenção e tratar do assunto drogas (lícitas/ilícitas), de uma maneira que venha a contribuir com informações necessárias a serem passadas aos nossos alunos, instituição e sociedade em si; é uma maneira de sensibilizá-los em um ambiente próprio e de fortalecê-los para que saibam do que se trata sem precisar experimentar.

De acordo com Pinsky e Bessa (2012, p.112):

A escola, por diversas razões, é de fato o ambiente mais apropriado para estratégias de prevenção. A razão mais evidente é a de que, nela, as crianças passam grande parte do seu tempo. Além disso, a escola continua a ser uma instituição de socialização por excelência, na qual se reforçam valores e normas sociais, constituindo, também, em si, um ambiente de proteção para crianças.

Logo cabe a escola promover a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes desenvolver a cidadania e reforçar atitudes e comportamentos socialmente aceitáveis, bem como meios de proteção e de atitudes de proteção, interação social e segurança.



Cabe também à escola o papel de buscar a interação do estudante com seu meio social, tornar o ambiente escolar mais atraente possível para o aluno e promover ações que incentivem um comportamento pró – social.

Há três fatores são essências para que a escola se construa enquanto ambiente de prevenção ao uso de drogas e promotor de atitudes saudáveis.

Existem três aspectos que prestam, especificamente, à prevenção ao uso de drogas no ambiente escolar: (1) A adequação da cultura da escola, suas normas, crenças e expectativas, e o incentivo ao vínculo escolar: a ligação do indivíduo a escola e a sociedade; (2) Uma política escolar ou de controle social, que busque uma aproximação mais ampla da escola em relação ao jovem; (3) Ajustes no currículo disciplinar, com a introdução de aulas que privilegiem uma abordagem cognitiva da prevenção. (Pinsky e Bessa, 2012, p.112).

Considerando tais afirmações, entendemos que é necessário promover uma mudança da cultura da escola que seja capaz de inserir a discussão da temática na sua proposta pedagógica a fim de criar um ambiente contrário ao consumo de drogas, eliminar concepções erradas ou incoerentes com a realidade e estabelecer programas de ações abrangentes que envolvam toda a comunidade escolar. (MEC, 1997).

Repensar o processo escolar inclui discutir o papel das Políticas Públicas no contexto escolar e tomar como referencia de ação da escola os aspectos que envolvem tais políticas como é o caso das leis de transito e das proibições com relação ao uso de álcool entre outras medidas. Ao pensar a educação por este viés a escola estará envolvida num processo de formação mais cidadã e coerente com a realidade social de seus educandos. (FREIRE, 1996).

Uma escola que busca coerência em entre seu projeto político pedagógico e a formação dos seus alunos precisará considerar as necessidades de desenvolver habilidades de resistência ao uso e ao abuso de drogas; bem como trabalhar com habilidades de convivência em sociedade e desenvolvimento científico.

Ao considerar todos estes aspectos a escola precisa ir além do seu papel de transmitir conteúdo. É preciso envolver e desenvolver com cada criança e capacidade de ser resiliente e de superar as expectativas sociais e pessoais. E de mudar sua trajetória de vida.

O espaço de diálogo aberto pela literatura proporciona a reflexão e permite que o adolescente encontre solução para seus problemas sem precisar chegar a atitudes extremas ou as tragédias de Shakespeare.

De acordo com Dufour (2005, p.17), *“existe uma afinidade incontestável entre o psiquismo humano e arte de se exprimir através de histórias”*. Ou seja, a literatura permite que as situações sejam vivenciadas no imaginário e discutidas sem se tornarem reais.

Além do aspecto lúdico, a literatura permitiu uma discussão aberta sobre comportamentos, hábitos, posturas e posicionamentos e atitudes. Proporcionando conhecimento e aprendizagem de habilidades sociais e cognitivas.

O fortalecimento individual, o autoconhecimento a compreensão da estrutura e do espaço escolar também foram temas de discussão e compreensão por parte dos educandos. Pois as obras trabalhadas visavam apresentar questões do cotidiano escolar, familiar e individual.

Nas atividades anexadas cada criança mostrou a sua compreensão do objeto de estudo e o grau de envolvimento nas atividades desenvolvidas.

Enfim, trabalhar o projeto O USO DE DROGAS LÍCITAS E ILÍCITAS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES É TAMBÉM UMA QUESTÃO DE EDUCAÇÃO. Proporcionou aprendizagem para os estudantes e professor pesquisador. Pois mostrou que a sala de aula é um espaço de múltiplas aprendizagens e que no cerne da aprendizagem de conteúdos linguísticos está a aprendizagem dos conteúdos humanos que envolvem habilidades para a vida e o exercício pleno de cidadania.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com crianças e adolescentes do sexto ano da Escola Municipal Julia Amaral Di' Lenna. Faz-nos perceber ao buscarmos o fortalecimento da autoestima dos nossos jovens, estamos afirmando que a escola precisa mudar sua postura e olhar com mais cuidado para seus alunos.

O projeto nos ensinou que para capacitar alunos para tomar decisões sobre sua vida e suas escolhas precisamos ter ações claras, pontuais e muito bem fundamentadas; que estejam diretamente relacionadas com as necessidades reais de conhecimento e discussão dos estudantes.

Interagir com os estudantes de modo mais direto e aberto nos faz perceber que habilitar para resolver problemas traduz de modo direto e objetivo o papel da escola, que deve envolver seus alunos desenvolvendo a capacidade de reflexão e estabelecer condições de desenvolvimento pessoal e científico; bem como buscar o fortalecimento de vínculos interpessoais; que possibilitam o manejo das emoções próprias.

Além disso, o trabalho nos trouxe a clareza de que construir de um plano de ação; para desenvolver a capacidade de lidar com situações como o uso de drogas por crianças e adolescentes envolve muito mais do que professor, aluno e uma sala de aula. O desenvolvimento do projeto bem como o acompanhamento das ações nos comprovou que uma proposta efetiva de combate ao uso de drogas na escola exige comprometimento coletivo, reorganização da proposta pedagógica da escola e revisão do regimento escolar. Pois dentre os autores estudados para referenciar este projeto, boa parte deles nos leva a refletir sobre a organização da escola, sua proposta pedagógica, a clareza das regras e a formação de uma escola mais humana e humanizada.

Diante de tais compreensões chegamos à conclusão de que a escola precisar ir além dos projetos ou de planos de ação anuais que apresentam ações isoladas. É preciso criar um programa permanente de acompanhamento e de atividades que modifiquem a cultura escolar e os rumos de todo o processo de ensino. Pois existe uma necessidade urgente de reestabelecer o vínculo do estudante com a escola, promover o desenvolvimento pessoal, social e o sucesso acadêmico; retomando o papel da escola na formação humana e na aquisição do conhecimento.

Outra conclusão possível sobre os resultados do projeto vem baseada no envolvimento dos alunos e nas suas considerações. Os depoimentos de cada estudante, sobre sua família e sua história de vida, vêm carregados de pequenas tragédias que envolvem cada ser e dão indícios de uma problemática mais profunda.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam. **Drogas nas escolas**: versão resumida / Miriam Abramovay, Mary Garcia Castro. Brasília: UNESCO, Rede Pitágoras, 2005.
- ABRAMOVAY M. **Violência na escola**: América Latina e Caribe. UNESCO, Brasília, 2003.
- AQUINO, J. G. (Org.). **Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998. V. 1. 166 p.
- AMATO, T. **Resiliência e uso de drogas. Como a resiliência e seus aspectos se relacionam aos padrões no uso de drogas por adolescentes**. - tese de mestrado defendida na UFSP, São Paulo. 2010. Disponível em: <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Publicacoes/329400.pdf>
- ANDRADE, Carlos Drummond. **Corpo**. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- ÁVILA, Maria Tâmara Porto de. **A função educativa na prevenção do consumo abusivo de drogas**. In: MEYER, Dagmar E. Estermann (org.). **Saúde na Escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- ANTÓN, Diego Macia. **Pensamentos e ação no Magistério. Drogas: conhecer e educar para prevenir**. São Paulo - SP: Scipione, 2000.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Salto para o futuro: **Saúde e Educação**. Ano XVIII boletim 12 - Agosto de 2008.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas **Saúde do adolescente: competências e habilidades** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.
- BRONFENBRENNER, U. (1986). **Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives**. Developmental Psychology.
- BRONFENBRENNER, U. (1996). **A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados** (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979).
- BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. **The ecology of developmental processes**. In: DAMON, W.; LERNER, R. M. (Orgs.). **Handbook of child psychology, Vol. 1: Theoretical models of human development**. New York: John Wiley, 1998. p. 993-1028.

CEBRID. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. VII Levantamento sobre drogas nas capitais brasileiras. Boletim CEBRID, São Paulo, n. 28, mar. 1997.

CEBRID. XIV Levantamento sobre drogas nas capitais brasileiras. Boletim CEBRID, São Paulo, n. 48, mar. 2004.

\_\_\_\_\_. V Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras – 2004.

DETONI, Márcia. **Guia Prático sobre drogas:** conhecimento, prevenção, tratamento. 2º ed. São Paulo – SP: Rideel, 2009.

DILLON, Paul. **O que seus Filhos Precisam Saber Sobre Álcool e Drogas.** São Paulo, Fundamento Educacional, 2013.

DOLTO, Françoise. **A Causa dos Adolescentes.** Tradução: REIS, Orlando Ed. Ideias & Letras. Aparecida, 2004.

DUK, Cynthia. **Educar na diversidade: material de formação docente /** organização: Cynthia Duk. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** 18º ed. Rio de Janeiro – RJ: Paz e Terra. Coleção Educação e Comunicação. 1979. Vol. 1.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes Necessários a Prática Educativa. Rio de Janeiro, EGA, 1996.

FREITAS, L. **Adolescência, Família e Drogas – A função paterna e a questão de limites,** Rio de Janeiro, Mauad, 2002.

LIMA, Carlos Vital Corrêa, **Revista do Senado,** Nº 8, 2011.

MENEZES, Sueli. Adolescência X Droga. Revista Catharsis – artigos Ponto de Vista p 1-5, acesso 01/09/2010 <http://www.revistapsicologia.com.br>.

MURAD, José Elias. **Drogas: o que é preciso saber. Programa nacional Biblioteca do Professor,** MEC – FAE. 5º ed. Belo Horizonte – MG: Lê. 1994.

MURAD, José Elias. **A Fome de Droga.** Belo Horizonte, N&D, 2005.

NOGUEIRA, Jornal de Uberaba. 2013. (22/10/2013).

ORNELAS, Samyr Jardim. **Abuso Sexual Infanto-Juvenil: um olhar preventivo do educador no combate desse crime.** Araçuaí, UFOR, 2011. Disponível em: <http://www.amde.ufop.br/tccs/Aracuai/Aracuai%20-%20Samyr%20Ornelas.pdf>.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos. **Cultura e Sociedade: prevenção ao uso indevido de drogas na escola/** Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos. Curitiba: SEED – PR, 2010.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Prevenção ao uso indevido de drogas**/ Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos. – Curitiba: SEED – Pr., 2008

PINSKY, Ilana. BESSA, Marco Antônio. **Adolescência e Drogas**. 3ª ed., São Paulo, Contexto, 2012.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet, Príncipe da Dinamarca**. Trad. F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1993.

\_\_\_\_\_. SHAKESPEARE, **A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca**, no Ato III, Cena I.

SCHRAM, S. C.; CARVALHO, M. A. B. **O pensar educação em Paulo Freire: para uma pedagogia de mudanças**. 2007. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf>>. Acesso em: 12 de outubro de 2013.

SANTOS; Rosa Maria Silvestre. **Prevenção de drogas na escola: uma abordagem psicodramática**. 4º ed. Campinas - São Paulo: Papirus, 1997. 2004.

SILVA, Maria Salete Bruschi da. **Políticas Públicas de Formação de Professores a Distância: Licenciatura Plena da UFMT Como Ponto De Partida**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Profª. Drª. Amélia Kimiko Noma. Maringá, 2008.

SILVA, C. S. e DELORME, M. I. **Apresentação das Experiências**. In: **Escolas Promotoras de Saúde: Experiências do Brasil**. Brasília, DF, 2007.

SOARES, Cássia Baldini; JACOBI, Pedro Roberto. **Adolescente, Drogas e AIDS: avaliação de um programa de prevenção escolar**. São Paulo: **Cadernos de pesquisa**, n.109, p.213-237, Março/2000.

SOARES, G. A. D. **As co-variadas políticas das mortes violentas**. Campinas, Vol. XI nº 1, Março, 2005, p. 192-212.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria da Saúde **Manual de atenção à saúde do adolescente**./ Secretaria da Saúde. Coordenação de Desenvolvimento de Programas e Políticas de Saúde (CODEPPS). São Paulo: SMS, 2006.

WHO **Drug Information**, Volume 27, N° 3, 2013.

## **FONTES DIGITAIS:**

**Informações sobre drogas**. Observatório Brasileiro de informações sobre drogas. Disponível em: <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID>. Acesso em: 19/09/2013.

**MGM, 1948. Directed by Laurence Olivier. Camera: Desmond Dickinson. With Laurence Olivier, Eileen Herlie, Basil Sydney, Jean Simmons, Anthony Quayle, Peter Cushing, Christopher Lee. Hamlet (1948) - "To be, or not to be, that is the question?". Uploaded on Aug 6, 2011. <http://www.youtube.com/watch?>**